

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo

Class.: 1180

Data: 09-05-76

Pg.: 33

ESP 09-05-76 p.33
**Aos poucos, a vila
vai ficando vazia**

Três horas da tarde. Na rua central, que aliás nem nome tem, apenas algumas crianças semi-nuas correm, alheias ao drama dos mais velhos. Há dias um dos únicos veículos do lugar foi levado para Barra do Garças por seu proprietário, Emídio Correa, que é também o dono da única casa de alvenaria da cidade e que o cacique Gacique Gabriel já escolheu para si. Na escola, que é também a Igreja onde aos domingos a velha Maria Rita, 78 anos, "puxa" o terço, mais de uma centena de crianças estudam nos dois períodos. Mas a professora Izaura Gomes afirma: "Muitos não vêm porque não têm roupa. Não é uniforme não, é roupa mesmo".

Com dezenas de barracos que nem sequer chegaram a ser concluídos e um povo triste diante da perspectiva de ter que abandonar, de qualquer modo, o lugar no qual havia depositado tantas esperanças, a ponto de chamá-lo de Novo Paraíso, a vila é hoje um cenário desolador. E não fosse a falha dos últimos dias da colheita de arroz, talvez estivesse ainda mais triste.

"Aqui vai ser a grande aldeia xavante", diz o "capitão" Abrão, apontando para o vilarejo. O índio — continua ele — está cansado de tantas promessas, mas agora o branco vai ter que sair. Vai para a cidade e só xavante vai ficar aqui". Como o "capitão" Gabriel, que escolheu a sobrado de alvenaria pertencente a Emídio Correa para ser sua casa, Abrão Rumori Xavante também escolheu uma casa feita, mas a única da vila que é pintada.

Os xavantes não têm a menor preocupação com o destino dos brancos. Querem apenas que eles deixem logo a terra que foi dos antepassados da tribo

e para a qual, segundo diz Abrão Rumori, "mais de mil xavantes vão voltar até o fim do ano. Branco vai para onde quiser. Se não sair até dia 15, não vou segurar o índio. Ai sai tudo expulso". Assim pensam Ribeiro Waprauce e Rodolfo Sirua, dois jovens guerreiros xavantes: "Índio xavante é valente e pode atacar e acabar a cidade", diz o primeiro. Ao que o segundo completa: "Só não terminou a cidade dos brancos porque Jamiro pede paciência". Ele se refere ao chefe do posto do Coluene, acusado pelos colonos de incitar os índios contra eles.

"Acho que não podemos fazer nada a não ser esperar a vontade da Lei", diz Arnaldo Klem, 65 anos, cujo pequeno empório está às portas da falência, devido à falta de dinheiro no vilarejo. Como ele, muitos outros já admitem que terão mesmo que deixar a vila e ir para um lugar qualquer. "Isso aqui, tudo que se vê, ruas e casas, a igreja — diz o velho comerciante — foi feito com o suor desses homens, muitos dos quais perderam seus filhos nessas matas. Por isso, acho que eles até têm razão em não querer sair daqui".

Juliano Fernando de Freitas volta a insistir: "Quem sofreu aqui e perdeu tudo o que tinha como eu, só sai daqui morto. Se a Funai quiser expulsar a gente é melhor mandar os índios atacarem e matar todos".

O pior é que depois do dia 15 ninguém vai poder sair daqui, pois nem condução tem para a gente se mudar", diz Joaquim Boaventura, posseiro, 36 anos e cinco filhos. "E se os índios atacarem Novo Paraíso — acrescenta — vai morrer gente dos dois lados, porque ninguém vai deixar eles destruírem tudo".